

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

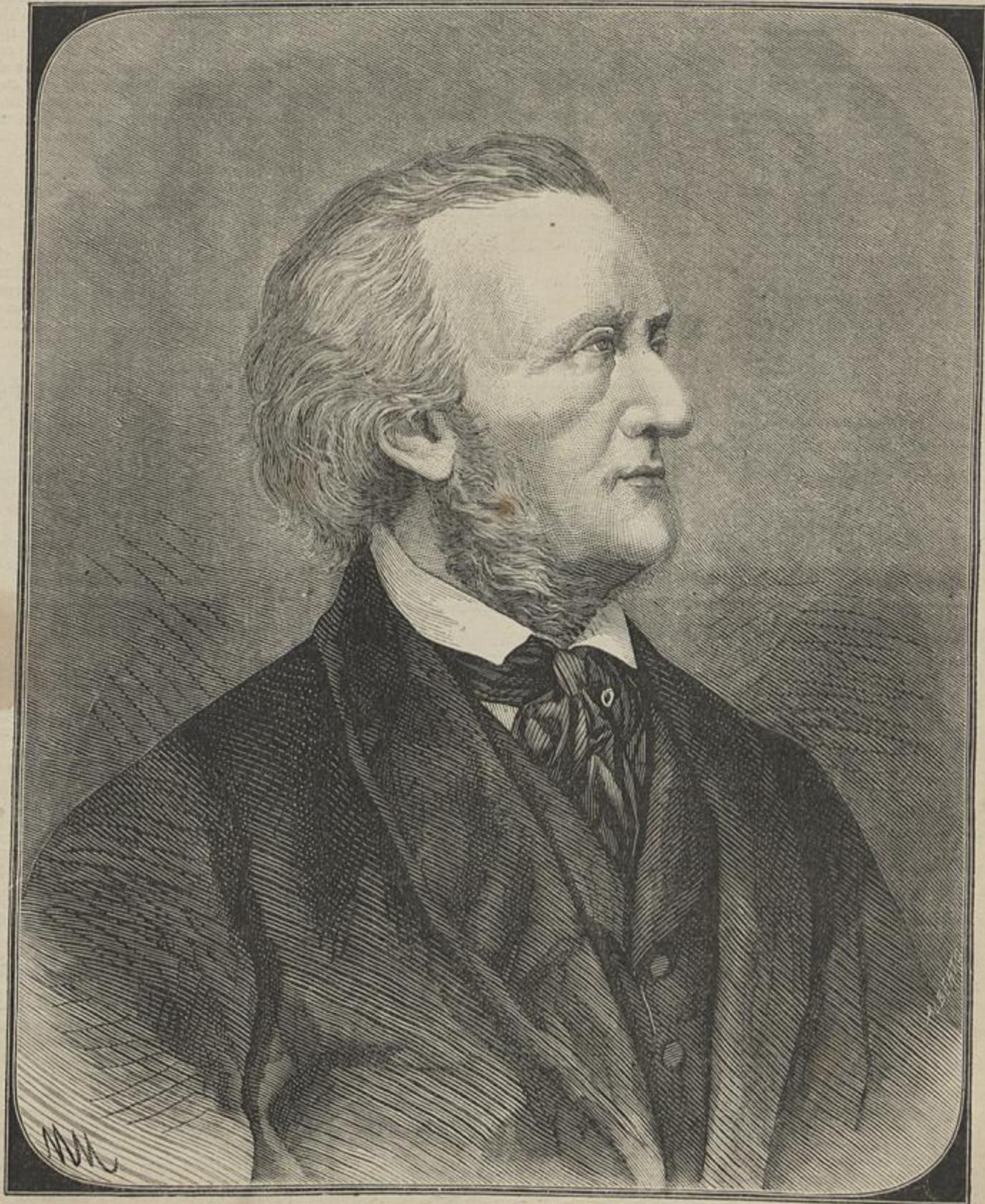
Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	18900	5950	5120
Possessões ultramarinas, (idem).....	45000	25900	-5-	-5-
Estrangeiro (união geral dos correios).	55000	28500	-5-	-5-
Brazil (moeda fraca).....	155000	78500	-5-	-5-

6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 151

1 DE MARÇO 1883

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



Richard Wagner.

CHRONICA OCCIDENTAL

A curiosidade publica foi despertada na semana finda pela morte do Cardeal Patriarcha de Lisboa, D. Ignacio I.

Toda a população quiz ver como era um cardeal morto, e por isso nos dois dias em que no Paço de S. Vicente esteve exposto o cadaver de D. Ignacio, mais de 100 mil pessoas curiosas atravessaram a camara ardente, entre os acotovellos da multidão e o calor asphixiante de uma atmosfera tropical.

Produzem-me sempre uma profunda repugnancia e ao mesmo tempo um grande contentamento egoista, esses espectaculos alegres, que se chamam grandes mortos officiaes.

Como se elles podessem ver o que se passa em torno do seu cadaver, se podessem fallar aos medicos que lhes injectam pelas carotidas chloroto de zinco e lhes tapam os ouvidos, a bocca e o nariz com estopa e cera, se podessem fallar á multidão que os contempla curiosa, alvar, risonha, sem ter nos seus olhos uma lagrima, nem no seu espirito uma saudade, como esses pobres mortos illustres amaldiçoariam a notoriedade que se faz em torno do seu leito mortuario, o acontecimento que se origina em redor do seu esquife, e como invejariam as mortes obscuras, tranquilas, humildes, d'aquelles que adormecem no collo d'uma esposa ou d'uma filha, sem que o noticiario esteja á espreita das suas ultimas phrases, os burocratas á espera do seu feriado, e o publico á espera do espectáculo triste do seu enterro, que o ha-de divertir como todos os demonios.

A morte do Patriarcha fez-me pensar em tudo isto dolorosamente, ao ver o contraste frisante entre o lucto official, decretado pelo *Diario do Governo* e a indifferença publica, que espera o enterro como uma festa, e lamenta a falta de theatros como uma impertinencia!

E realmente é uma impertinencia de *ancien regime*, mas das que mais doem, porque prejudica muita gente, sem ser agradavel a ninguem, a não ser ao anachronismo.

E tanto é assim, que a condemnação completa d'essa estranha prohibição de espectaculos, está exactamente no modo hesitante e illogico como foi feita.

Por exemplo. No dia em que constou officialmente a morte do 1.º prelado da Igreja portugueza, o governo mandou suspender os espectaculos publicos por tres dias, em testemunho de lucto nacional.

Mas um d'esses tres dias era domingo, um trans-torno diabolico para os theatros e para a população da cidade: para os theatros, que perdiam as unicas enchentes certas da semana; para a população, que não tinha onde passar essa noite, que ordinariamente destina aos espectaculos publicos.

E o governo teve o bom senso e a falta de logica ao mesmo tempo, de attender ás justas reclamações das emprezas theatraes, e emendou o mal. O lucto nacional passou de domingo para quarta feira; — ficou addiado!

Ora não ha nada mais comico de que o lucto official, as tristezas decretadas pelo ministerio do reino, as lagrimas ordenadas por portarias: mas o adiamento do lucto para um dia em que não prejudique os theatros equal-a-o, se não o excede, em intensidade burlesca.

Faz-me lembrar uma anedocta celebre d'uma viuva que no dia da morte do marido o tinha chorado tanto, tanto, que já não podia comsigo.

— Tomara já cá terça feira, disse ella.
— Terça feira? porque? perguntaram-lhe.
— Porque faz os oito dias e então já heide chorar menos.

A população de Lisboa chora inconsolavel a morte do sr. patriarcha sexta e sabbado, mas no domingo faz um interregno á sua dôr, vae para o Colyseu, para a Trindade, para a bambochata dos *voltigeuses*, dos *couplets* alegres, das peças apimentadas e na quarta feira então continua a chorar.

Ficam as lagrimas e a dôr suspensas por tres dias desde sabbado á meia noite, até á 1 hora do dia de quarta feira.

Eu acho tudo isto delicioso, e muito proprio para alegrar as tristezas d'um povo, quando essas tristezas são ordenadas pelo governo, que preside ao destino da nação, e manda nas lagrimas e nas gargalhadas do seu paiz.

O enterro do patriarcha porém pregou uma peça enorme á maioria da população.

Quando toda a gente se preparava para um dia de passeio pelas ruas apinhadas de povo, com as janellas guarnecidas de senhoras, o ceu todo azul e o sol todo festivo, veio a decepção enorme. O enterro sae de S. Vicente para entrar em S. Vi-

cente, o espectáculo das pompas cardnalicias e dos quatorze conegos a cavallo só poude ser visto por um cento de pessoas, que não se arreceiaram dos ardores do sol, dos encontrões do povo e dos coices da cavallaria municipal.

O resto da população teve que contentar-se em ver o enterro do cardeal nos noticiarios dos jornaes.

O Cardeal Patriarcha D. Ignacio I era pouco conhecido da maioria do povo de Lisboa. Ha cinco annos inutilizado completamente por uma doença terrivel que mata muito antes de dar a morte, que deixa a vida tirando a consciencia; — o amollecimento de cerebro, o cardeal D. Ignacio Cardoso succumbiu finalmente no dia 23 de fevereiro, em que de todo se apagou aquella vida, luz apenas bruxuleante ha tanto tempo.

Não teve occasião de assignalar a sua passagem pelas eminencias da egreja portugueza com um d'esses actos que referendam perante a opinião publica, as altas nomeações officiaes. De ha muito esperada, a sua morte, nem sequer impressionou a população pela surpresa. Ha cinco annos morto, embrulhado na purpura cardnalicia, embrulhado n'essa mesma purpura, caracterizado pelo embalsamento e pela carminação para a lugubre comedia da morte, desce agora ao carneiro dos principes da egreja, onde repousam mumificados os seus antecessores.

Na historia do cardinalato rasgou-se mais uma pagina, mas essa pagina não passa á historia d'um povo, vae encher apenas o grande livro dos mortos.

Paz á memoria d'aquelle que foi no mundo o cardeal D. Ignacio.

— De repente, de surpresa, veio quasi ao mesmo tempo impressionar profundamente a população de Lisboa, a noticia d'outra morte, a morte tambem d'um principe.*

Não era um principe da Igreja, era um principe da Arte.

Miguel Angelo Lupi, o grande pintor portuguez, sumiu-se de repente no tumulto, quando menos se esperava, quando todas as attentões do mundo artistico estavam voltadas para a sua grande obra, que ninguem suspeitava, nem elle proprio que fosse a ultima, o grande quadro do *Marquez de Pombal reconstruindo Lisboa*, destinado para a sala das sessões dos novos paços do concelho.

A morte de Miguel Lupi foi tão inesperada, que nos veio surprehender pungentemente já depois de termos começado esta chronica.

Ignoravamos mesmo que o grande artista estava doente. Quando lemos nos jornaes a funebre noticia, tivemos o assombro da surpresa e a tristeza d'um grande desgosto.

Ainda ha poucas noites tinhamos estado com elle no camarim de Lucinda Simões. Elle fallaramos com toda a preoccupação d'um artista, d'um verdadeiro artista, do novo quadro em que dava os ultimos toques, e convidara-nos a ir vê-lo á camara municipal.

Foi no meio d'esses ultimos toques que o grande artista exhalou o seu ultimo suspiro.

Era um bello homem, Miguel Angelo Lupi, um soberbo typo varonil d'artista herculeo, com uma construção apparentemente solida e robusta, que presagiava uma longa e farta vida.

Caracter de rija tempera, artista até á raiz dos cabellos, Lupi sentia-se, desconsolava-se, contristava-se profundamente, com a desorganisação e a decomposição crescente do nosso pequeno mundo artistico. Isso tornava-o por vezes azedo, aspero, taciturno.

A preoccupação constante de toda a sua vida era a arte, a ella consagrava todo o seu tempo, todo o seu talento, todas as suas forças. O seu *atelier*, um dos primeiros do paiz, tinha o cunho artistico e elegante dos grandes *ateliers* lá de fóra; era um ninho de pequenas obras primas; e pelas paredes pendiam esboços de grandes quadros que Lupi tinha na sua cabeça, e que nunca passaram de pequenos *esquisos* a grandes obras, pela falta de elementos indispensaveis á confecção de grandes obras de pintura, que ha em Portugal.

A arte nacional contemporanea deve a Miguel Angelo Lupi, muitas das suas obras primas. A maioria dos seus retratos são obras d'arte d'um valor notavel, e que podem sustentar confronto honroso com o que ha de melhor no genero nos grandes centros artisticos da Europa.

O seu ultimo quadro, a que a morte veio interromper o acabamento é a obra mais notavel no genero da pintura historica, que ha muito tempo se faz em Portugal.

Fulminado na plenitude ainda de todos os seus poderosos recursos artisticos, Lupi, morreu como um luctador heroico, na brecha, combatendo por esses dois ideaes, que hoje tem tão poucos campeadores valerosos: — a Arte e o Bello.

A morte de Lupi é uma perda nacional.

Pranteemol-a duplamente como amigo do homem honrado, como admirador do grande artista.

Gervasio Lobato.

RICARDO WAGNER

A morte d'este notabilissimo musico allemão, coincidindo com o ensaiar-se pela primeira vez no theatro de S. Carlos uma das suas obras dramaticas, dá sem duvida, ao assumpto dos artigos que se vão lêr, — sobretudo para Portugal, — um grande interesse de actualidade.

Na historia da arte musical não ha um outro nome que, como o de Ricardo Wagner, represente a realisação, forte e completa, de uma tão consideravel revolução.

A nenhum outro artista no mundo, e na mais complexa de todas as artes, foi dado, como a Ricardo Wagner, o poder tirar do seu espirito e do seu ideal, em absoluta independencia das convenções da opinião e do publico, não só as fórmãs das suas obras de arte, mas ainda os modos completos da representação d'ellas.

Só contra todos, pôde dizer-se, Ricardo Wagner teve a força colossal de conquistar, — apenas pela indomavel consciencia do seu valor e pela fé absoluta no que elle considerava a verdade das suas ideias, — um vasto logar no mundo para si e para a influente transformação da arte musical que coisa alguma poderá destruir no muito que ella tem de justo. N'este sentido pôde dizer-se que, apesar de tudo quanto ainda hoje se agita contra o grande artista, Wagner morre vencedor: elle deixa a sua obra, no que esta devia ter de base solida para futuras edificações, gigante e inabalavel.

Tentarei esboçar rapidamente a vida e a physionomia do homem de que os leitores em poucos dias poderão apreciar uma parte do espirito, nos 3 actos do *Lohengrin*, que, n'este momento, se estudam no nosso theatro lyrico.

I

Guilherme Ricardo Wagner nasceu em Leipzig a 22 de maio de 1813 e morreu a 13 de fevereiro de 1883, vivendo assim quasi 70 annos.

Seu pae morreu 5 mezes depois do nascimento de Ricardo, casando sua mãe, em segundas nupcias, tempo depois, com Geyer, actor e pintor.

Os primeiros estudos de Ricardo Wagner fizeram-se em Dresde na *Kreuzschule*: pensava a familia em educal-o tanto quanto podesse e, talvez, em fazel-o, como seu padrasto, um pintor.

Foi em Dresde que elle começou a estudar musica e piano, continuando depois em Leipzig. O estudo da litteratura, da poesia e da critica, domina porém, desde logo, na sua intelligencia. O caracter fogoso do temperamento de Ricardo Wagner, e o romanticismo exaltado do tempo, levaram-no a escrever muito novo uma tragedia, que é talvez a sua primeira obra d'arte, em que morriam em scena 42 personagens e appareciam outros tantos espectros. Lia elle então com enthusiasmo Shakespeare e tentava a traducção d'algumas das suas obras.

Foi na universidade de Leipzig que elle começou a estudar harmonia e contraponto, principalmente com Weinlig, — discipulo de Mattei de Bolonha, — ao passo que lia e discutia, com ardor, philosophia e esthetica: esta dupla e completa educação de Ricardo Wagner servem a explicar cabalmente o papel especial que elle, como critico e como musico, devia representar na historia da arte.

Preoccupado com as investigações profundas dos philosophos, n'um paiz que tinha Kant e Fichte, e Schelling, e Hegel, a arte devia ser, para o alto espirito de Wagner, a realisação logica de um ideal perfeitamente discutido, e não apenas uma agradavel e sensual banalidade sonora.

Quando a primeira audição do *Freyhiltz* de Weber o impressionou profundamente, e quando, sobretudo, as symphonias de Beethoven o apaixonaram, o musico começou a procurar, no caso particular da sua arte, a applicação d'um systema esthetico a pouco e pouco já em elaboração.

Aos 19 annos Ricardo Wagner escrevia pequenas composições symphonicas, algumas das quaes eram executadas em concertos.

D'então, até 1832, Wagner compõe diferentes trechos para piano e para orchestra: N'alguns se revela, a um tempo, a impressão indelevel do estylo de Beethoven, e a originalidade, por vezes excentrica, da imaginação do futuro reformador. É d'esta época o libretto e a musica do *Noivado* (*Die Hochzeit*) que nunca foi executada.

Em 1833, Ricardo Wagner, doente, vae para

Wurtzburgo, onde vivia seu irmão, professor de canto e pae da célebre cantora Joanna Wagner.

Ahi, escreve uma opera phantastica, *A mulher serpente*, ou *As Fadas (Die Feen)* sobre um conto de Gozzi. A escolha do assumpto — uma Fada que se apaixonou por um homem e abandona por este amor o caracter sobrenatural, — annuncia já uma das capitais conclusões do seu futuro systema; o estylo da musica, composta para tal poema, é, no dizer dos que a conhecem, um reflexo dos grandes homens que primeiro impressionaram o artista.

Em 1834 Wagner é nomeado director da orchestra do theatro de Magdeburgo, onde escreve, em 1835, a *Noviça de Palermo* ou o *Amor prohibido (Das Liebesverbot)* que, representada em 1836 (20 de março) não agradou.

Em 1837, sendo director do theatro de Koenigsberg casou com a actriz Minna Planr, e foi em seguida estabelecer-se em Riga, pobre e desgostoso. É ahi que começa a escrever as primeiras scenas d'uma operetta extrahida das *Mil e uma noites* e a primeira das suas obras conhecidas sobre um libretto tirado do romance de Bulwer Lytton, *Rienzi*.

Foi com o poema completo e com dois actos escriptos d'esta ultima opera que Ricardo Wagner se dirigiu um dia a Paris. Navegando de Riga para Bolonha as tempestades acompanharam-n'o, fazem-no naufragar nas costas da Noruega e dão-lhe as profundas impressões da natureza que se encontram na musica da lenda do *Navio Phantasma*, ou do *Hollandez voador (Der fliegende Holländer)* escripto pouco tempo depois.

Da leitura de quasi todos os criticos parece depreender-se que as operas escriptas durante este primeiro periodo da vida de Wagner são, pouco mais ou menos, a repetição dos modelos conhecidos allemães, ou mesmo, muitas vezes até, italianos. Esta opinião não é exacta, tanto quanto posso julgar-o pelo conhecimento de alguns trechos do *Rienzi* e pela audição de toda a partitura do *Hollandez voador*.

Se na *Noviça de Palermo* se encontra já, ao que parece, em muitos pontos, o ensaio da applicação de um novo systema, este facto é evidente no *Hollandez voador*. Estes trabalhos não tem ainda a completa originalidade das ultimas obras do mestre, mas não podem de modo algum filiar-se já completamente, nas escolas antigas existentes: São já a realisação timida, incompleta, parcial e inexperiente d'um ponto de vista, d'um raciocinio, de uma doutrina esthetica ideal e revolucionaria.

A estada em Paris de Ricardo Wagner até 1842 representa a mais terrivel luta da sua vida. Paris que, a distancia, parece ser a cidade das revoluções, é, vista de perto e posta á prova, a mais inabalavel roma da conservação e das convenções consagradas. Em politica, em sociologia, as transformações fazem-se depressa em Paris, mas d'um modo exterior e passageiro; em breve uma reacção vem destruir, lá mesmo, as novas edificações que ás vezes mais duradouras se mostram n'outros paizes menos originaes. Em sciencia, em litteratura e em arte as novas ideias não se desenvolvem facilmente em Paris. Tudo em França tende sempre a formar um mundo official e nada ha no mundo mais conservador do que o mundo official francez.

Para não vencer perante o publico de Paris, Wagner tinha, além dos obstaculos que acabo de notar, a completa, antipathia que existe entre a profundidade completa vaga e transcendente da sua alma de allemão, e a nitidez incompleta, e a definição estreita mas luminosa que o espirito francez representa.

Em vão Meyerbeer apresentou e recommendou Ricardo Wagner a Leon Pillet, então director da opera; em vão o editor Mauricio Schlesinger lhe incommendou romanzas de canto e trechos instrumentaes para a *Gazeta Musical*: as partituras pareceram obstrusas aos criticos musicaes e as romanzas inintelligiveis e inadaptaveis á *sensiblerie* elegante da rapida vida parisiense. São d'esta época as unicas tres melodias para canto que além das suas operas se conhecem a Wagner com os nomes de: *Mignonne*, *Dors mon enfant* e *Attente*.

Então para viver Ricardo Wagner vê-se obrigado a arranjar para piano, para rebecca e para cornetim as operas novas italianas e francezas. Um symptoma do muito que n'esse periodo deve ter soffrido o grande reformador nota-se no facto d'elle haver pedido a Scribe um libretto. Até então os poemas das suas operas haviam sido escriptos por elle proprio. Veremos como isto faz parte integrante do seu systema.

Uma Introducção que devia ser a primeira parte d'uma grande Symphonia sobre o *Fausto* de Goethe, não consegue fazer-se executar nos

concertos do conservatorio de Paris, onde chegou a ser lida.

A *Noviça de Palermo*, não foi mais feliz no theatro da *Renaissance*.

É em Paris todavia que Wagner completa o *Rienzi* e escreve, em 7 semanas apenas, o *Hollandez voador*.

Emfim, não podendo entrar na opera franceza, vende a Leon Pillet o libretto da sua ultima obra, sobre que Dietsch é encarregado de escrever a musica com o nome de *Vaisseau fantôme*, reduz a piano para o editor Schlesinger a *Reine de Chypre* de Halevy, e volta a Allemanha em 1842.

É então que o *Rienzi* é pela primeira vez executado com agrado em Dresde, e que o rei de Saxonia o nomeia mestre de musica da sua capella.

Em 1843, (2 de janeiro) em Dresde tambem, sóbe á scena o *Fliegende Holländer* que inteiramente desagrada. Muitas das innovações da reforma artistica estão n'esta opera claramente indicadas. Em 1844 o velho Spohr, o celebre auctor do *Fausto* põe em scena, em Cassel, o *Fliegende Holländer*, que cae ruidosamente no mesmo anno no theatro de Berlim.

Se o genio allemão, representado por uma minoria de criticos e artistas, comprehendeu facilmente o ideal e os altos intuitos do novo systema de musica dramatica, a massa do publico conservou-se todavia, na propria Allemanha, hostil ao reformador.

Não comprehendido pelos da sua propria raça, cujo espirito essencial elle representava tão genuinamente, Ricardo Wagner esteve por algum tempo no mais profundo desanimo.

As suas memorias, as suas cartas revelam-nos porém, n'este momento, como em muitos outros da lucha colossal que elle teve de sustentar até á morte, a feição suprema do seu forte caracter.

(Continua)

V. de D.

BATALHÕES ESCOLARES

Fez hontem dois mezes, que uma grande massa da população lisbonense se acotovelava para ver destilar, dentro dos seus elegantes uniformes e manobrando as suas pequenas espingardas, dois grupos de estudantes das escolas municipaes de Lisboa. Eram oitenta rapazes de 10 a 14 annos que formavam o primeiro batalhão escolar organizado em Portugal. Tornou-se interessante ver o garbo e a disciplina dos jovens soldados, a regularidade da marcha, a maneira, emfim, como elles se apresentaram n'uma solemnidade, tão sympatica e tão imponente, como foi a da distribuição dos premios aos estudantes de instrucção primaria das escolas municipaes do concelho de Lisboa na sala do Risco do Arsenal da Marinha. Era encantador vê-los manobrar á voz do seu official — um companheiro nos bancos da mesma escola; e nós, ao vêmos passar alegres e triumphantes aquelles pequenos soldados, divisavamos no rosto de cada um d'elles aquelle espirito guerreiro, que tão bem se casa com os primeiros annos da mocidade e que mais tarde se transforma n'uma energia sã e n'uma consciencia forte — os dois mais necessarios predicados do homem moderno.

O facto da apresentação d'esses rapazes uniformizados e armados, atravessando as ruas de Lisboa, recebendo no caminho as saudações das senhoras, que se accumulavam nas janellas — essas saudações que nunca se esquecem na vida — os bravos e as palmas do povo; perfilando-se deante dos seus companheiros laureados; esse facto, que a muitos parecerá de diminuto valor, representa a conquista de um direito, o resultado de esforços honestos, a somma de muito trabalho, de muita perseverança, de muita dedicação. É preciso conhecer de perto a influencia da rotina, é preciso ver como os pacificos cidadãos do nosso paiz vislumbam no mais pequeno movimento o indício d'uma revolução nos costumes, para apreciar quanto trabalho não representa a simples exhibição d'esses oitenta moços, genuinos representantes d'um progresso na escola primaria portugueza — a introducção do ensino militar.

Historiemos. Em 1875 quando se organisou o serviço da instrucção na camara municipal de Lisboa, o sr. José Elias Garcia, creador d'esse serviço, pediu e conseguiu incluir no orçamento uma verba para o ensino do exercicio militar na escola n.º 1. Em 1877 o sr. Luiz Jardim, creou o logar de professor. Em 1880 o sr. José Elias Garcia nomeou o professor encarregado do ensino militar na escola central. Até fins de 1881, o mesmo illustre vereador, insistiu pela requisição de armamento do ministerio da guerra, para o

ensino militar. Em 1882 o sr. Theophilo Ferreira, conseguiu que a camara mandasse vir espingardas do estrangeiro e fizesse organizar definitivamente o primeiro batalhão escolar.

Fóra dos trabalhos dos citados pugnadores da instrucção popular, nada mais se fez.

Tudo quanto ha feito n'este ramo deve-se ao municipio. O estado não contribuiu sequer com o mais pequeno esforço para o complemento d'esta obra de verdadeiro progresso escolar. Até mesmo a lei de 2 de maio, não consignou a admissão do ensino militar na escola primaria. Avalie o leitor quanta opposição, quanta má vontade não foram movidas, quanta influencia não teve a rotina para só no fim de seis annos se conseguir o estabelecimento d'uma organização militar nos bancos da escola lisbonense.

E ao passo que isto acontece entre nós, a França decreta em janeiro de 1880 o ensino militar obrigatorio nas suas escolas primarias e secundarias; organisa em julho de 1882, batalhões escolares de 600 alumnos cada um; funda a carreira do tiro.

Em maio de 1881 funcionavam 11:441 escolas com ensino militar e d'essas 2:419 tinham exercicios de tiro; educavam-se, diz a estatistica, 353:600 rapazes em exercicios militares e 39:230 em exercicios de tiro. O ministro da guerra cedia ao da instrucção 120:000 espingardas, de modelo apropriado, para o ensino nas escolas publicas. De janeiro de 1880 a julho de 1882, inicia-se em França — a escola do soldado.

É tal o enthusiasmo com que a mocidade das escolas recebe esta salutar ideia, que um ministro de França escreve acerca do assumpto n'um seu relatório — os instructores espantam-se com a maneira rapida com os rapazes aprendem o manejo das armas.

A introducção do ensino militar na escola, torna-se em França um pretexto para as maiores manifestações de patriotismo e é objecto de muitos cuidados dos homens mais intimamente ligados ás questões d'instrucção; Jules Simon o grande legislador da escola, inicia uma propaganda activa e tenaz; Paulo Bert sóbe ás eminencias do governo e cria junto ao ministerio de instrucção publica uma commissão de educação militar para resolver sobre o projecto, que lhe era mais predilecto — o da instrucção militar na escola primaria; Julio Ferry completa o ensino militar obrigatorio decretando os batalhões escolares.

Antes da França, a Allemanha e a Suíça comprehenderam o grande interesse patriótico da organização do ensino militar e incluíram-n'o nas suas escolas. A propria Hespanha levanta n'este momento as suas vistas para o sympathico problema e principia a encarecer a grandissima utilidade da sua resolução.

As vantagens do ensino militar são hoje apreciadas pelos paizes mais cultos pela fórma como temos dito.

Sob o ponto de vista patriótico é incontestavel que a solidez dos exercitos não pôde ser garantida com um tempo de serviço tão diminuto como é o estabelecido para o serviço militar; sob o ponto de vista da educação physica os exercicios militares avantajam-se aos exercicios gymnasticos — a marcha constitue um dos melhores e mais uteis exercicios do corpo, superior a toda a outra gymnastica, escreve mr. Dally n'um excellente relatório sobre a escola de gymnastica de Joinville-le-Pont sob o ponto de vista da educação moral o exercicio militar dá uma altivez e uma consciencia do proprio valor, que muito convem n'um «meio» entorpecido por costumes sedentarios, destituídos de virilidade.

A Inglaterra inscreveu ha pouco no seu código d'ensino que não ha escola primaria completa, sem uma caixa economica annexa. É o principio economico a dominar no espirito da creança.

Portugal deve inscrever tambem como já o inscreveu a França — uma escola primaria de rapazes não está completa sem um batalhão escolar. Será o espirito patriótico a dominar o soldado d'amanhã.

Antes de apresentarmos aos leitores do OCCIDENTE o primeiro batalhão escolar, cumpre-nos dar registro n'esta noticia aos nomes de dois homens, distinctos officiaes do nosso exercito, a quem a organização do ensino militar em Portugal deve muitos serviços, que não podem ser esquecidos — Luiz Carlos Mardel Ferreira e José da Gama Lobo Lamare — professores da especialidade nas escolas municipaes.

E como a chronica pôde, passado algum tempo, ser adulterada é bom que se consigne, que o trabalho dos dois illustrados officiaes secundou brilhantemente os esforços da municipalidade lisbonense para iniciar este grande progresso da instrucção popular.

Caetano Pinto.

SEGUNDO SALÃO DE QUADROS

(Conclusão)

II

Cá está Gyrão com o seu quadro favorito de variegados gallinaceos. E' uma ranchada feliz sob a guarda do gallo sultanesco; chegou a hora da refeição (n.º 6), e cada gallinha voraz, que andava passeando os seus ocios depinica-dores pela enorme capoeira, corre e apressadamente para junto do tacho vermelho, onde um occulto regalo espera e provoca, enquanto que o bom gallo vistosamente emproado está cacarejando em dedicados convites. E o caso é que as gordas gallinhas correm effectivamente, teem movimento e vida; e a luz abundante que cáe sobre ellas e sobre o soberbo gallo, accusa definitivamente as nuances embaraçosas das variadas pennas multicolores, ás vezes com brilhos metallicos, e que Gyrão foi tocando pacientemente com uma minuciosidade indispensavel, que felizmente não descahiou em mesquinhaeria. Entre curiosos estudos de gatos, paesagens numerosas, e quadritos de flores, Gyrão apresentou mais dois pequenos estudos de gallos, um dos quaes, vermelho e garrido e tafful, empoleirado n'uma prancha, e abrindo alvoroadamente as azas com medo d'uma immunda ratazana que para elle corre, é d'uma execução rapida e deliciosa, e de uma encantadora frescura de toque. E' um precioso gallinheiro, Gyrão!

Christino não foi extraordinariamente feliz na factura do seu quadro *Algés* (n.º 7). Está decerto correctamente desenhado, e o ponto escolhido tem algum attractivo pitoresco; mas tanto os tons d'aquellas verdes e rasteiras vegetações marginaes da praia areenta, como os da agua espelhenta e lisa que se estende á direita, peccam notavelmente por uma crueza demasiada que fere. Visivel inexperiencia

de quem não póde pintar assiduamente; mas o talento está latente, e resalta já victorioso quando Christino se entrega um momento ao estudo demorado e compensador da prodiga natureza, e nos apresenta aquelle delicioso quadrinho apparecido na exposição á ultima hora, — um effeito

de nevoeiro em paisagem invernosa, admiravelmente observada, e tocada com uma finura singular.

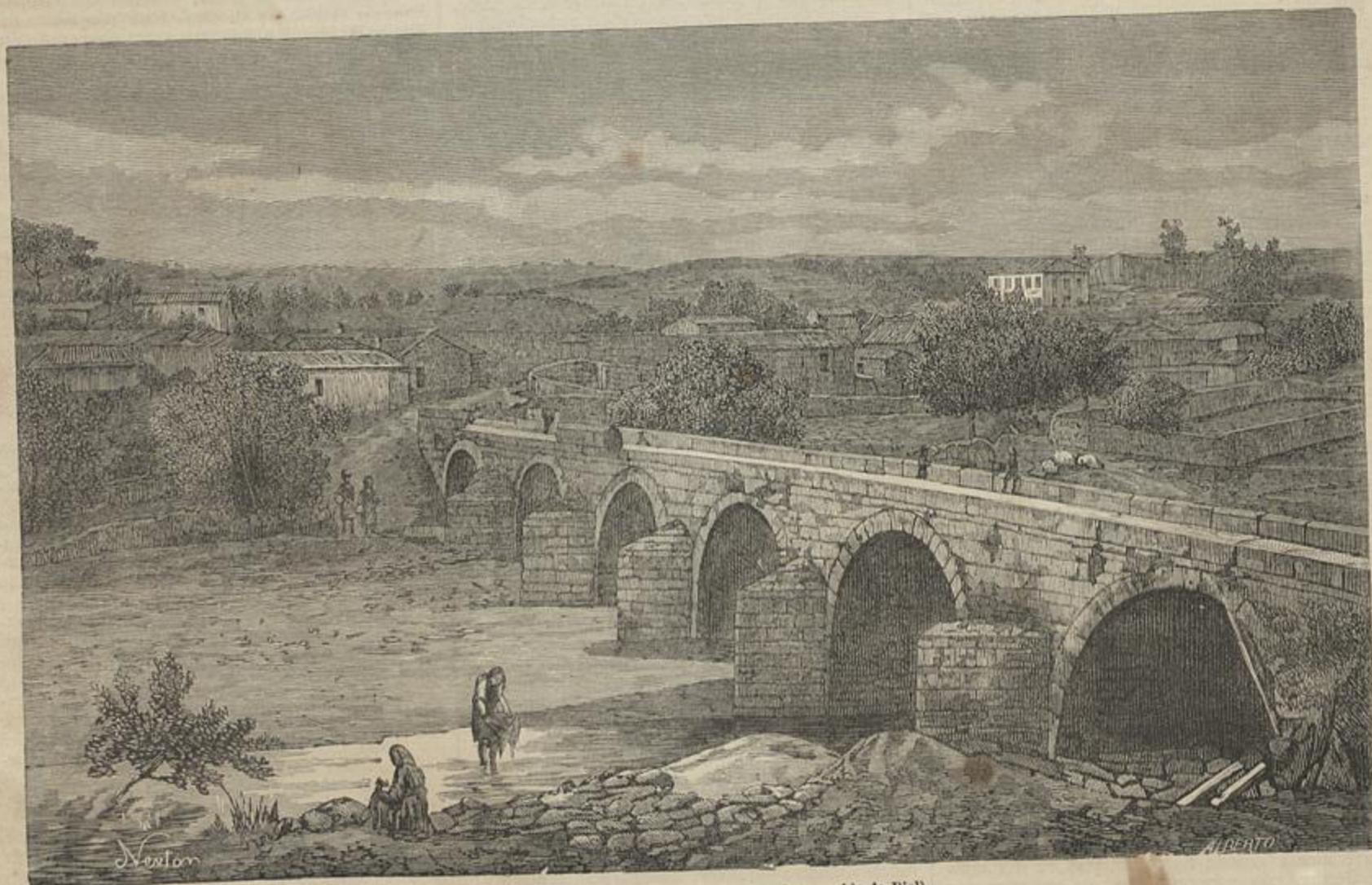
Pertence ao numero dos seus quadros de figura singelos e agradaveis, o *Mólho de pinho* (n.º 1), do sr. Martins. O sol já desapareceu no seu luminoso triumpho d'ouro e rubra chamma; apenas uma vaga claridade embaciada ficou no azul, enquanto que uma grossa nuvem váe-se escurentando lentamente n'uma invasão da treva. A pobre lareira deserta precisa de lenha, e sob a hora serena do crepusculo a camponeza minhota, toda vistosa dos seus lenços amarello e avermelhado postos no peito e na cabeça, foi buscar o mólho de pinho, e volta com elle nos braços para casa. O conjunto da tela tem o que quer que seja de suave e attrahente, e a figura risonha no primeiro plano destaca bem; mas não me parece que o braço nú que prende o mólho, anatomicamente bem desenhado, conseguisse segural-o de facto. E' um braço, sem duvida, mas não funciona, — ora ahí está a cousa, physiologicamente explicada, e d'uma maneira que até dá tom a este meu amado artigo.

O OCCIDENTE não póde reproduzir em gravura senão os quadros que rapidamente tenho descripto; mas ainda ha mais expositores dignos de nota. Columbano Bordallo, entrando para o grupo promovedor d'estes salões nacionaes, expóz algumas antigas telas de merecimento palpavel emparelhado com grossos defeitos, e o mais recente esboceto para um tecto, que é de uma composição encantadora. Meia duzia de rochunchudos rapazetes, travessos anjos sem azas, deram-se á phantasia extravagante de andar em pleno azul, envoltos em farrapos brancos de nuvens, disputando-se alegremente um redondo e reluzente prato ou cymbalo; elles sorriem, mas na careta franzida de alguns prevê-se a aproximação arenegada d'um amúo. E isto faz

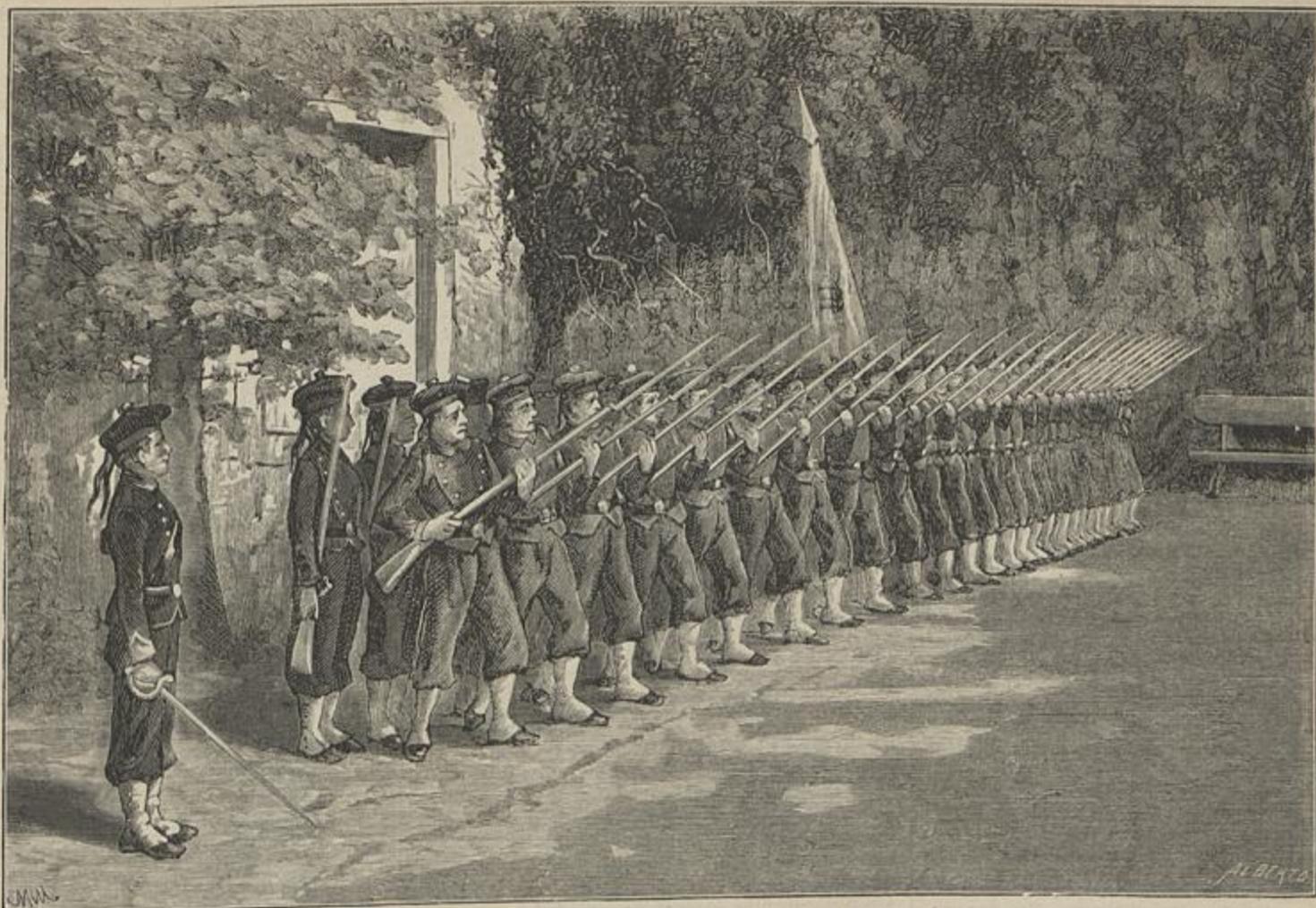


CARLOS DUBINI — Fallecido em 31 de Janeiro de 1883

(Segundo uma photographia de Fonseca & C.ª)



PONTE DE CERDEIRA (Segundo uma photographia de Biel)



BATALHÃO ESCOLAR DAS ESCOLAS MUNICIPAES DE LISBOA (Desenho do natural por Macedo e Christino)

em volta do cymbalo amarelento um delicioso barulho de corpitos gordanchudos em desencontradas posições, e dá umas bellas manchas de carnes rosadas e tenras d'um magnifico tom, e d'um toque ligeiro e fresco.

Vieira expôz varias paisagens com salientes qualidades reveladoras d'um talento solido, que o estudo pode desenvolver largamente; Figueiredo apresentou uma collecção de pequenas

aguarellas,—que teem qualidades, como é de laconico e prudente uso dizer-se; e Antonio Ramalho, um dos fundadores do grupo, como actualmente está estudando em Paris a sua bella arte dilecta, dispensou-se de mandar o seu desejado concurso a este segundo salão. Não fique esquecido o meu caro Alberto d'Oliveira, que dedicadamente dôa ao grupo a sua actividade preciosa, e que com a sua despreendida iniciativa d'inno-

vador artistico, publicou corajosamente, como o anno passado, um excellente catalogo illustrado, cheio de nitidas reproduções zincographicas dos melhores quadros expostos.

E agora, meus amigos, é trabalhar confiantemente, pois que já despontou no publico esse delicado e desconhecido rebento do estímulo honesto da venda directa. Este pequeno salão era mais variado e rico em certos pontos, do que



FRANCISCO DE ANDRADE



ANTONIO DE ANDRADE

(Segundo photograp de Camacho

o primeiro; mas a paisagem dominava ainda impavidamente, e é preciso que no salão futuro ella se resigne a um mais curto imperio, deixando logar a bons quadros de genero, estudos de figura, retratos, quadros d'animaes, vistas architectonicas, e sobretudo *marinhas*, de que temos innumeraveis e admiraveis modelos em toda essa longa e pittoresca e accidentada costa portugueza, e nos rios até, e nos largos portos. Com a diversidade ganha a arte pura, e interessa-se superiormente o publico; e afinal todos os assumptos são uteis para quadro, quando bem aproveitados pelo dominador talento. — É pôr sobranceiramente de lado certas pretenciosas e estereis escalas aristocraticas, que se pretendem fazer em pintura. E com este aviso sagaz de infinito alcance me vou.

Monteiro Ramalho.

AS NOSSAS GRAVURAS

CARLOS DUBINI

Era talvez o mais venerado dos professores de musica no Porto; além da sympathia do seu trato, passava por ter uma grande pratica de educação de vozes e por possuir as boas tradições do methodo italiano de canto.

Nascera em Milão a 4 de setembro de 1826. Era filho de paes modestos e já estudava musica aos 14 annos sob a direcção do maestro José Lamperti.

O pae morreu quando elle era ainda muito novo, e aggregando-se successivamente a differentes companhias de opera começou a precorrer a Europa.

Aos 18 annos casou em Milão com a prima dona Virginia Grimaldi e veio com ella para Portugal quando o theatro de S. João do Porto a escripturou, dirigindo mais tarde por muitos annos a orchestra d'este theatro.

Carlos Dubini escreveu uma opera *Amor e engano* que, cantada no antigo theatro Camões succumbiu á guerra que lhe fizeram.

Desgostoso com este primeiro revez o maestro dedicou-se quasi exclusivamente ao ensino da musica.

Em 1863 intentou fundar uma escola de musica e tentou em vão obter para esse fim auxilio das pessoas influentes e da Camara Municipal. Foi n'este empenho que elle teve com Antonio Feliciano de Castilho uma correspondencia interessante.

Em 1870 fundou a *Academia de musica* do Porto que, deu durante a sua curta existencia, alguns bons concertos, entre elles, um a 16 de junho de 1862 no theatro de S. João a favor do monumento a D. Pedro V que depois se erigiu na praça da Batalha no Porto.

Devem-se-lhe algumas composições musicas de pequeno vulto, e dois livros de theoria, um, denominado *Grammatica musical*, em parte inedito, e o outro, *Guia das materias a discutir contidas nos principios elementares de musica para uso da Academia de musica do Porto*.

A ultima opera que regeu, fazendo-lhe o publico um verdadeiro triumpho, foi a *Dinorah*, de Meyerbeer para seu beneficio, em março de 1876.

Vivia pobre e modesto.

Deixa muitos discipulos.

Seus filhos são os srs. Pedro Adolpho Dubini, empregado no commercio, e Sebastião Dubini, que hoje pertence á companhia dramatica do theatro do Principe Real do Porto.

PONTE DE CERDEIRA

A pequena povoação donominada Cerdeira pertence ao concelho de Almeida, na provincia da Beira Baixa e dista 70 kilometros de Vizeu e 325 a E. de Lisboa.

Conta apenas cerca de 80 fogos n'uma freguezia do Orago de Nossa Senhora da Visitação.

A ponte que se vê na gravura corta a ribeira do Noéme, que corre pelo meio da povoação, fertilizando os seus campos que são de abundante producção.

E' terra aprazivel e povoação das mais antigas de Portugal, pois que já em 1253 D. Affonso III lhe deu foral.

Pertenceu ao concelho de Castello Mendo, que foi supprimido em 1855, passando para o concelho de Almeida em 1870.

FRANCISCO D'ANDRADE E ANTONIO D'ANDRADE

Em consequencia do nosso collaborador encarregado de escrever a biographia d'estes dois nossos compatriotas, que ha pouco se estreiraram

com *successo*, n'uma das scenas lyricas de Italia, enviar muito tarde o seu artigo, e para não alterar-m'os a regularidade da publicação do nosso periodico, dal-o-hemos no proximo numero.

PALACIO CONSULAR DE PORTUGAL, EM SIAM

Este edificio, um dos primeiros, senão o primeiro entre todos os edificios europeus de Bangkok, foi começado em 1860.

Abandonada a construcção em meio depois de haverem sido despendidos cerca de 10:000 patacos, permaneceu em abandono por espaço de não poucos annos.

Na visita official, porém, a Siam do nobre Visconde de S. Januario, como Ministro Plenipotenciario de Portugal, este distincto diplomata e eminente homem d'estado, que por modo tão notavel tem sabido deixar sempre um rasto da sua brilhante administração por onde passa, com a energia e rasgo que o caracteriza deu immediatamente todas as providencias para que as obras fossem levadas ao cabo.

Os trabalhos confiados ao architecto italiano Grassi sob a inspecção do fallecido consul geral Marques Pereira terminaram em 1875, anno em que o palacio foi inaugurado e aberto sendo consul geral o referido Marques Pereira.

O palacio de Bangkok é a unica residencia consular portugueza que é propriedade do estado.

O THEATRO DA RUA DOS CONDES

(Continuado do n.º 148)

Disse-se no artigo precedente que os actores do theatro da Rua dos Condes festejaram a expulsão do exercito de Junot, com a representação de duas peças *novas*, que despertariam certamente nos espectadores d'aquella epocha, o entusiasmo que sempre acompanha a representação da *Restauração de Portugal* e de outras semelhantes armadilhas ao ruído do patriotismo das platéas de hoje. Não foi bem isto o que á phantasia dos srs. typographos approuve com-pôr.

Fôra no anno anterior director do theatro, de sociedade com Manoel Baptista de Paula, um tal José Joaquim da Costa Queiroz, segundo se deprehende da informação dada pela Intendencia Geral da Policia em 1814, acerca de um requerimento em que elle pedia para lhe ser revalidada a graça, que em 10 de abril de 1807 lhe haviam concedido, de extrahir uma loteria de 12:000 bilhetes e de cento e vinte contos de réis de capital, em attenção ás consideraveis despesas que impunha o custeamento dos espectaculos. O intendente da policia não deu informação favoravel, porque José de Queiroz deixára em 1807 a empreza do theatro, que desde então subsistira «por diferentes meios e com diversas direcções», e em razão tambem de que talvez o supplicante houvesse já desfructado a graça, visto terem decorrido alguns mezes, desde a concessão até á entrada do exercito de Junot em Lisboa.

Em dezembro de 1809 constituiu-se, sob a direcção de Manoel Baptista de Paula, a sociedade do theatro nacional da Rua dos Condes. Diz-se no começo de um decreto dado pelos governadores do reino a 3 de fevereiro de 1812, que a sociedade recebia do Estado um moderado auxilio, e que tinha, desde a sua formação, promovido espectaculos, não deixando nunca de mostrar patriotismo, já em applicar o producto das representações do primeiro domingo de cada mez para a caixa militar, e o de outra para o cofre do resgate dos captivos; e já mostrando o seu «amor, respeito e lealdade» para com o Principe Regente e familia real, por meio de espectaculos de grande apparato e despeza, com que festejava os anniversarios dos principes portuguezes e até os dos soberanos da Grã-Bretanha. Em 1811, tinha montado a perto de vinte mil cruzados a quantia que a sociedade theatral consagrou áquellas duas piedosas applicações.

Ponderam depois os governadores que assim mesmo a sociedade não podia servir bem o publico, sem que se transferisse para um logar mais acomodado, pela sua extensão e proporções, para os espectaculos theatraes, e sem que ajuntasse á representação das peças portuguezas a de algumas italianas com musica, de maneira que muitos funcionarios britannicos, que estavam então em Lisboa em consequencia da guerra peninsular, não fossem privados do recreio que o theatro lhes poderia offerecer.

Tudo isto se effectuou em cumprimento do decreto da regencia. Antes, porém, de dizermos

como ficou organizada a nova sociedade, e quaes os beneficios que lhes foram concedidos, vejamos que factio determinou o governo a tomar semelhantes providencias.

Em 23 de dezembro de 1810 dava a intendencia geral da policia, parecer, a respeito das pretensões dos italianos Luiz Chiari e Antonio Cianfanelli, que se propunham a abrir o theatro de S. Carlos e a cumprir um certo programma, mediante a concessão do producto de uma loteria do capital de 160 contos de réis, extrahida pela Santa Casa da Misericordia. Da receita total abater-se-hiam as despezas e destinar-se-hia a terça parte do remanescente ao hospital real de S. José. Os requerentes pediam tambem licença para abrir quatro casas de sortes nos bairros da cidade; mas, n'uma outra supplica, prescindiram de tal auxilio, por serem as casas de sortes «grande fôco de depravação de homens simples e inexpertos, e coisa de fiscalisação difficil» e exigiram em compensação que o capital da loteria se elevasse a duzentos e cincoenta contos de réis divididos em vinte e cinco mil bilhetes.

A sociedade da Rua dos Condes, em contraposição do requerimento dos italianos, pediu que lhe fosse dada a preferencia em qualquer graça que o governo houvesse de conceder, e allegou o bom serviço que prestava na direcção do theatro nacional.

O intendente geral da policia, tendo consultado os desembargadores Sebastião Xavier Botelho, inspector do theatro de S. Carlos, e Francisco Antonio Maciel Monteiro, que exercia igual cargo no da Rua dos Condes, e concordando com o primeiro, opinou que «o theatro de S. Carlos pela sua grandeza, pela grande despeza do seu custeamento, pelo uso mesmo de terem ali sido vistas com grande applauso pomposas representações com musica escolhida, não era de modo algum proprio para representações de comedia portugueza.» Acrescentou que a experiencia já verificara, isto mesmo em 1797 e 1798, apesar de ser então alternada a representação das peças portuguezas com a de «dramas em musica recitados por companhias de actores italianos em certos dias da semana.» A companhia dos artistas portuguezes reconhecia aliás a verdade d'esta observação.

Ponderando todavia o intendente que a companhia da Rua dos Condes alliava á consideração de ser directora do theatro nacional a de se ter conduzido de um modo que merecia attenção, propoz que lhe fosse dada a preferencia «no aproveitamento dos auxilios que o governo julgasse dever conceder para a abertura do theatro de S. Carlos,» que se conservava fechado com grande pezar do publico lisbonense.

Os governadores do reino resolveram consoantemente este alvitre, no já mencionado decreto de 3 de fevereiro de 1812, e determinaram que a sociedade da Rua dos Condes passasse para o theatro de S. Carlos, onde seriam executadas, além dos dramas em linguagem portugueza, algumas *farças italianas em musica*.

Estabeleceram tambem que a sociedade se compozesse de artistas e artifices, que entrariam com o seu trabalho, e de particulares, que constituiriam um fundo em acções, sob a direcção de Manoel Baptista de Paula, e a inspecção immediata de Sebastião Xavier Botelho. Concedia-se á sociedade o auxilio de oito casas de sortes, o qual seria effectivo até ao carnaval de 1813.

Para não dilatar demasiadamente o presente estudo, deixamos de dar agora notícia das curiosas instrucções que acompanham aquelle decreto, e apenas lhes faremos curta referencia, ao tratar de alguns dos actos da sociedade, cuja existencia era por ellas regulada.

(Continúa).

Maximiliano d'Azevedo.

O IMPERIO DE MARROCOS

R A

NOVA LEGAÇÃO PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 150)

Do vastissimo imperio dos khalifas do oriente, que se estendera desde os confins da Arabia por todo o norte da Africa e Hespanha até ao sul da França, com a mesma rapidez com que se formára, se foram separando varios braços, que constituiram outros tantos reinos.

Primeiro o khalifado de Cordova, dividido depois em muitos reinos, em seguida o imperio de Marrocos que, passando por varias crises, e tendo subido ao apogeo, durante o emirado dos almuhades e almoravides, foi pouco a pouco declinando de civilisação e illustração, até se achar

hoje cahido n'um estado de ignorancia e de invencivel superstição.

Durante os seculos xv e xvi Portugal, firmado nas suas praças de guerra, cercadas por povoações mais ou menos homogeneas e tributarias, sustentou grande prestigio sobre os mulumanos do *Magreb-el-acsá*, que viam nos seus contrarios um povo de valentes e cavalleiros, qualidades muito estimadas entre elles. Os nomes de D. Duarte de Menezes, Nuno Fernandes de Ataíde, Lopo Barriga, conde de Borba, Luiz de Loureiro e outros, concitavam o respeito e admiração de seus inimigos. Correrias frequentes faziam tributarias povoações e aduares, que muitos concertos e tratados deixavam definitivamente no poder portuguez.

Os descobrimentos da India, China e America vieram desviar Portugal da sua verdadeira politica. As conquistas da Asia, a colonisação do Brazil chamando para diversos pontos a força e vitalidade do paiz, fizeram amortecer o desenvolvimento colonial do territorio, já portuguez, do outro lado do estreito, que em 1513 se havia ainda acrescentado com a conquista de mais uma praça Azamor, e com a fundação posterior de uma nova villa, Mazagão.

Pelo meiado d'esse seculo, em vez de se restringirem as conquistas asiaticas a tres ou quatro pontos estrategicos, e se activar a conquista do resto do imperio de Marrocos, abandonaram-se algumas praças, e quando D. Sebastião, imprudentemente é verdade, mas seguindo o impulso da verdadeira politica tradicional portugueza, da verdadeira politica tradicional portugueza, quiz firmar para sempre o seu dominio em Marrocos, uma fatalidade, d'estas que marcam época nas historias dos povos, sepultando nos areas de Alkasr-el-kibir a flôr dos guerreiros portuguezes, cravou um prego na roda da fortuna d'este pequeno paiz, parecendo suspender-lhe para sempre o seu desinvolvimento proseguido durante quasi dois seculos pelo *Magreb-el-acsá*.

A usurpação hespanhola, quebrantando as forças da nação, e chamando a auxiliar as guerras, que a Hespanha sustentava em varias partes os braços portuguezes, fez com que pouco a pouco as praças de Africa fossem sendo abandonadas. Emfim Ceuta foi cedida á Hespanha, Tanger aos inglezes, e no meiado do seculo passado, de todo o nosso poder no *Magreb-el-acsá*, apenas restava Mazagão. Infelizmente o marquez de Pombal commetteu o grande erro politico de a mandar abandonar.

Estava cercada; resistia havia tempos, pedira socorros; o marquez, ou o conselho de Estado, entendeu dever fazel-a evacuar.

Quando chegaram os transportes que deviam conduzir para Portugal os defensores e habitantes de Mazagão, todos exultaram de prazer, julgando que era socorro que se lhes enviava. Os sitiados aterrados com a vista dos navios abandonaram o cerco. Os cercados em breve tiveram a triste desillusão, vendo-se necessitados a embarcar.

Os marroquinos não poderam comprehender este abandono, mas quando finalmente reconheceram que na villa não havia signal de vida e a medo foram entrando n'ella e a acharam deserta, o seu prazer tocou o delirio, e exultantes exclamavam *Djedida! Djedida!* (a nova) e assim lhe ficaram chamando.

Effectivamente esta era a unica cidade levantada e construida desde os allicerces pelos portuguezes.

(Continúa).

J. B.

O AMIGO VISCONDE

V

O visconde de Tagilde, tres dias depois, entrou no Gremio, ás 8 horas da noite. Na primeira sala, um criado alto, de suissas, o queixo entallado nos collarinhos, com o aprumo grave de conselheiro de comedia, dispunha cuidadosamente em volta da meza as *illustrações* estrangeiras.

— Viu o sr. dr. Martel?

— Saiba v. ex.^a que ainda o não vi hoje.

Os gabinetes do jogo estavam desertos e ás escuras.

No corredor, o visconde encontrou outro criado, que se perfillou junto da parede, quando elle passou.

— Boa noite, José Maria. Sabe se está cá o sr. dr. Martel?

— Está na ultima sala de leitura, sr. visconde — informou o criado.

Na sala dos jornaes do paiz, ao fundo, um velho calvo, sem barba, lia attentiosamente o artigo politico do *Jornal do Commercio*, todo de-

bruçado sobre a folha, com os oculos azues levantados para a testa.

— Boa noite, conselheiro — disse o visconde ao passar.

O leitor como era surdo e myope não respondeu.

— Ainda bem que te encontro! — disse o visconde á porta ao entrar na ultima sala.

O dr. Martel, que estava sentado á meza, a ler o ultimo numero da *Revue medicale*, reconhecendo o amigo, exclamou:

— Olá! — e reclinou-se todo no espaldar da cadeira, estirando as pernas.

O visconde tinha-o procurado em casa. O dr. Martel olhou-o a fito e perguntou-lhe se já sentia *as dôres?* desatando uma gargalhada.

— Não, homem, não — respondeu o visconde muito serio.

Explicou pausadamente que o tinha procurado para ir ao hotel Braganza vêr uma... senhora ingleza, que tinha chegado de Paris com um seu amigo.

— Senhora ou... mulher? — observou maliciosamente o medico, olhando-o desconfiado.

Mas o visconde, encolhendo os hombros d'enfadado pela impertinencia, replicou:

— Para mim, é uma questão de *toilette*: senhora.

— Bonita moral! — disse o dr., chupando o cigarro. Que tem essa senhora?

O visconde ignorava! É boa! Como havia elle de saber!? Era, por accaso, medico, elle?

— Pois sim; — tornava o dr. Martel — mas vamos o saber: de que soffre? de que se queixa?

— Ah! deita sangue pela bocca!

O dr. Martel estendeu o labio inferior e carregou o sobrolho:

— Mao! murmurou elle — É um caso de tysica pulmonar em 3.^o gráo.

E, um pouco concentrado, com os olhos no tecto, e agitando no ar o dedo indicador, calculou:

— Quinze dias de pé, quinze na cama e no fim do mez... Prazeres!

— O quê?

— É o fatal prognostico, meu caro — declarou elle terminantemente.

O visconde contrariado por aquella declaração summaria, disse-lhe então:

— Oh! tu és um cynico! Brincas com essas coisas.

Um cynico! Não estava má essa! — dizia o dr. — Elle não era tal um cynico; era apenas um medico. E, voltando de repente a cadeira do lado do amigo, sobrepoz uma perna á outra, e principiou:

— A tysica, Luiz, é uma doença mortal. Essa qualidade é, por assim dizer, a sua essencia; ora, a essencia d'uma coisa — segundo ensina a metaphisica — é que faz com que essa coisa seja aquillo que é. Percebes-me?

E chupava o cigarro.

O visconde, girando com uma luva em volta do indicador, respondeu seccamente que nem percebia, nem esperava perceber. N'isto, o dr. proseguiu então com ar de gracejo, batendo-lhe uma palmada no joelho:

— Pois ouve então a prelecção, que é gratis.

— Eu pago-te o silencio — respondeu o visconde, reclinando a cabeça nas costas da cadeira.

Mas o dr. Martel, que gostava de arreliar o amigo, retorquiu:

— Reserva para mais tarde a tua generosidade!... Muito bem! Suppõe tu que a essencia d'esta meza é ter quatro pernas e uma tabua por cima; desde que deixe de ter as quatro pernas e a tabua respectiva, deixa de ser uma meza. Percebeste agora?

— De forma que — accudiu o visconde — um burro com uma tabua por cima, é uma meza...

A que proposito vem o sermão? — gritou elle, apurando-se.

— Lá vae — tornou o dr. com a mesma placidez, fallando pausadamente e em tom doutoral: — A essencia da tysica, meu caro, é... matar. Logo que a doença da tal menina ingleza não seja uma tysica pulmonar...

— Não morre! — concluiu o visconde triumphante.

— Não morre tysica, é claro; o que não obsta a que morra d'outra enfermidade qualquer. Percebe o sr.?

E, a despeito do manifesto constrangimento do visconde, que o ouvia assobiando e olhando para o tecto, o dr. insistiu: — Porque, meu caro, a essencia do homem é ser mortal; e, segundo o mesmo raciocinio, o homem, quer queira, quer não, ha de morrer um dia. Ora vê o sr. o que é a força da logica, seu egoista?

— Acabou?

E o visconde respirando de allivio, propoz que sahisses d'ali.

— Prompto! vamos lá a vêr a doente.

Atravessaram as salas desertas. Na escada, o medico, mettendo o braço no companheiro, dizia-lhe, descendo lentamente os degraus:

— Hei-de escrever tudo isto que te disse, d'aqui a cincoenta annos.

O visconde olhou para elle muito serio. Pois contava viver ainda cincoenta annos?

— Não é muito! — disse o medico — Para o desejo que tenho! Conto trinta e seis, com mais cincoenta... Vê lá!

O visconde, falando só, exclamou:

— Que horror que deve ser a velhice!

— Será; mas olha que eu, todas as noites, ao deitar, repito a oração do Arlequino de Molière — e, pondo as mãos em supplica e os olhos em branco, dizia o doutor: — « Senhor! permite que eu morra de velho! »

O visconde desatou a rir.

— Porque, sabe mais; quando a humanidade fizer toda a mesma oração, e a providencia lhe attenda as supplicas, então será o triumpho da sciencia. Antes d'isso, haverá tisticas, pneumonias, apoplexias, paralisias, e o diabo! que a gente nem sabe bem o que é, nem como se combate.

A meio da rua de S. Francisco, o doutor Martel estacou, e fez esta pergunta abrupta ao visconde:

— Ella é bonita ou feia?

— Bonita.

— Gorda ou magra?

— Magrissima.

— Bem! Partamos.

E, dando os primeiros passos, com a cabeça baixa e os olhos no chão, resmungou:

— São os ossos do officio.

(Continúa)

Alberto Braga.

EPHEMÉRIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1681. — Março 1. — Morre em Padua Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, celebre polygrapho, que foi lente de philosophia na universidade italiana. Era natural de Coimbra. A sua vastissima erudição e brilhante talento, o seu prodigioso saber em todos os ramos dos conhecimentos humanos, lhe grangearam o nome de *encyclopedia viva*, dado pelos seus contemporaneos. Em Roma sustentou por tres dias theses de *Omni scibili*, e em Veneza as famosas conclusões denominadas *Rugidos de S. Marcos*.

1854. — 2. — Morre o illustre philogo padre José Vicente de Moura.

Jaz em mausoleu, na villa de Poyares, levantado a expensas d'aquella povoação, e para o qual foram trasladados os seus restos mortaes em 26 de agosto de 1859.

O padre Moura foi um dos maiores latinistas d'este seculo.

1878. — 3. — O capitão Boyton faz surprehendedentes exercicios natatorios na grande caldeira do Arsenal da Marinha, ante numeroso concurso de povo.

1863. — 4. — Primeira representação da *Beatriz de Portugal*, opera do maestro portuguez Francisco de Sá Noronha. Foi no theatro de S. João do Porto, obtendo o illustre maestro um triumpho.

A opera é baseada nos amores do poeta Bernardino Ribeiro e infanta D. Beatriz, sua discipula, filha de D. Manoel.

1810. — 5. — Creação dos telegraphos, em Portugal, dando-se-lhes regulamento.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

O diabo tapa com uma manta e descobre com um chocalho.

1829. — 6. — Morre o insigne mathematico portuguez o general, 1.º barão da Villa da Praia, Francisco de Borja Garção Stockler.

1837. — 7. — Morre em Roma, da idade de 69 annos o pintor portuguez Domingos Antonio de Sequeira, que havia nascido em Belem, em 10 de março de 1768. Entre os primores do seu trabalho sobresaem os desenhos da celebre e sumptuosa baixela de prata, que o governo offereceu a lord Wellington, em 1814, obra de riquissimo valor artistico, de que havia sido encarregado pelo proprio rei D. João VI. Os seus quadros teem um apreço extraordinario, sendo todos considerados como primores de arte. Foi émulo do Vieira Portuense. O seu retrato e biographia tem vindo em diversas folhas litterarias, e artisticas e entre outras torna-se notavel a que vem no *Arquivo Pittoresco* n.º 12 do 2.º volume.

1844. — 8. — Revolta popular dos estudantes de Coimbra a favor do movimento de Torres Novas.

1607 a 1612, depois nos diz ter tomado bacharel em direito canonico em 1615, depois frequentar o referido curso em 1616 e 1617, ou não entendemos bem. O auctor dando-nos seis documentos, ainda dos Philippes, em que João Pinto é nomeado juiz de Pinhel e de Ponte de Lima, esqueceu-se dos do tempo de D. João IV, em que o nomeou do seu conselho, desembargador do paço, contador-mór e guarda-mór da Torre do Tombo, todos em attenção aos seus muitos serviços, letras, etc., e muito principalmente d'aquelles em que D. João IV, testemunha dos serviços de João Pinto, ao conferir tenças á sua viuva, em 4 de agosto de 1654, diz que: «em consideração de zelo, fidelidade e diligencia com que muitos annos antes do reino ser recuperado me serviu pela real casa de Bragança o doutor J. P. R. que foi do meu conselho, e meu desembargador do paço e particularmente o muito que na aclamação e depois d'ella obrou até de todo se gosar

das ou premiadas pelo governo, e critica de outras, entre as quaes apparece uma secção de bibliographia portugueza. Falta entre nós um trabalho d'este genero, mas feito como se deve fazer.

LES MATINÉES ESPAGNOLES, *nouvelle revue internationale européenne par mr. le Baron Stock*, com a collaboração de muitas damas e homens de letras, hespanhoes, italianos, francezes, inglezes, allemães e portuguezes. O primeiro numero (janeiro 1883) traz um soffrivel retrato lithographado d'el-rei o sr. D. Luiz, com um pequeno artigo biographico, onde, contra o costume dos estrangeiros, não apparecem inexactidões. Tambem lemos um largo artigo da senhora Maria Letizia de Rute (princeza de Solms, madame Ratazzi) onde se faz a analyse do romance do sr. Eça de Queiroz, o *Primo Basilio*. Varios outros artigos, poesias e musica, entre elles alguns muito



SIAM — PALACIO CONSULAR DE PORTUGAL, EM BANGKOK Segundo uma photographia)

frente d'elles estava José Estevão Coelho de Magalhães e Antonio Cezar de Vasconcellos Corréa.

1842. — 9. — Primeira representação do *Alfageme de Santarem ou a Espada do Condestavel*. Teve logar este brilhante successo no theatro da rua dos Condes.

1845. — 10. — Representa-se pela primeira vez em Lisboa, no theatro de S. Carlos, a ópera *Lombardos*, do maestro Verdi, libreto de Solera, tirado do poema de Grossi. Foi desempenhada pelas senhoras Albertini, Carmini e os senhores Tamberlick, Santi, Figueiredo e Gallowardi.

Foi representada pela primeira vez em Milão em 11 de feveiro de 1843.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

NOTAS E DOCUMENTOS INEDITOS PARA A BIOGRAPHIA DE JOÃO PINTO RIBEIRO, pelo visconde de Sanches de Baena — Lisboa, Typographia de Mattos Moreira & Cardosos, Largo do Passeio Publico, 15 e 16, 1882 — 4.º de 94 paginas. O sr. visconde de Sanches de Baena, tem procurado esclarecer alguns pontos historicos nomeadamente com relação á biographia de alguns varões notaveis que tem figurado nos fastos de Portugal; d'estes é um o famoso jurisconsulto e honrado patriota João Pinto Ribeiro, um dos homens importantes da Restauração de Portugal e aclamação de D. João IV em 1640. Começa o auctor averiguando a familia, qualidade e estudos do venerando jurista e parece-nos haver uma certa confusão ou pouca clareza nas datas em que o dá cursando na Universidade, que primeiro nos diz ser de

o bem da minha felix restituição a meus reinos, agenciada muita parte por meio d'elle e no mesmo cargo de desembargador do paço como nos mais que exercitou de... fazer sempre sua obrigação... com grande limpeza de mãos e inteireza na administração da justiça, etc.

João Pinto nunca se deu por auctor da revolução, mas de ter tido grande parte n'ella, o que o rei confirma. O motivo porque o convocaram foi por ser agente do duque e homem de talento.

É pena que haja esta grande lacuna n'aquellas notas e documento, ao paço que se trasladam bastantes relativas ao padre Domingos do Rosario, que não vemos ter tido acção directa nem indirecta na aclamação. A commissão do sr. de Saint Pé, deve ser originada em pedidos dos fidalgos portuguezes, o que o auctor não illucidou bem.

São importantes os documentos colleccionados pelo sr. visconde, mas é de sentir que os não tivesse completado e concatenado melhor, visto tratar-se de tão distincto e sympathico personagem.

LA LIBRERIA, *propaganda literaria universal catalogo mensual de Gaspar*, editores, Principe 4. Madrid. Año 1. Outubro e noviembre de 1882. Nums. 6.º y 7.º Continuamos a receber com grata satisfação esta publicação mensal, adornada de algumas gravuras extrahidas das obras que resenha ou cataloga. Não é um simples catalogo, como o seu titulo parece indicar. — A sua chronica não se limita a quatro banalidades sobre este ou aquelle successo mais ou menos passageiro, mas põe-nos em dia com todo o movimento litterario-cientifico de Hespanha desde os trabalhos das Academias, e centros litterarios e instructivos até aos theatros. Dá-nos algumas biographias de auctores notaveis, necrologias, lista de obras admitti-

interessantes, completam os tres numeros, em dois fasciculos, relativos ao 14, 21 e 28 de janeiro ultimo.

ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA. Está publicado o 10.º fasciculo, todo occupado com os impostos ou direitos que o municipio cobrava antigamente de diversas proveniencias: *cestaria* ou imposto sobre o pescado fresco onde ha noticias muito interessantes e curiosas, assim como nos relativos a *barcas e tragamalho*, e *variagem*, de que se fica tratando no fim do fasciculo. Esta publicação vae-se tornando cada vez mais interessante.

ARCHIVO DOS AÇORES, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana, volume quarto, numero XXI, 1882, Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel, Typ. do Archivo dos Açores*. Encerra este fasciculo alem de muitos documentos relativos ás capitania e capitães donatarios das ilhas de Santa Maria, Villa da Praia, Fayal e Pico, uma curiosa colleccão de cartas copiadas do fundo portuguez da Bibliotheca nacional de Paris, dirigidas, por varias auctoridades, corporações e pessoas mais ou menos importantes, aos reis de França e outros personagens com relação a D. Antonio, prior do Crato, e aos successos d'esse tempo, com outras relações, tambem concernentes a esse periodo. Este vasto repertorio da historia açoriana locupleta-se de dia para dia.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thezouro Velho, 6